

A teologia e a saga dos super-heróis: valores e crenças apresentados e representados no gibi

Theology and superheroes legend:
presented and reproduced values and believes on comics

Por Iuri Andréas Reblin

Doutorando em Teologia (EST)
Bolsista CNPq – Brasil

Resumo:

Este texto apresenta as possibilidades de análises teológicas das histórias em quadrinhos, em especial, dos super-heróis. A partir do diálogo entre teologia e literatura e do conceito de herói enquanto arquétipo atinente ao ser humano, ele introduz como perspectivas de análise: a presença de elementos religiosos na narrativa; na origem do super-herói (o personagem) e a existência de elementos mitológicos e religiosos ancorados no sentido do heroísmo e nos valores que o abrangem. O texto conclui que as histórias em quadrinhos são janelas da realidade e janelas para uma outra realidade e elas são mais que um mero entretenimento: as histórias em quadrinhos são a possibilidade do ser humano conhecer mais sobre si mesmo, seus valores (religiosos e não religiosos) suas angústias, suas esperanças e sua busca por um lugar no mundo.

Palavras-chave:

Teologia e Literatura. Super-heróis. Histórias em Quadrinhos.

Abstract:

This text presents possibilities of theological analyses of comic books stories, especially, of superheroes. Starting from the dialogue between theology and literature and from the hero concept while archetype regards human being, it introduces as analysis perspectives: the presence of religious elements in the narrative; in superhero's origin (the character) and in the existence of mythological and religious elements anchored in the sense of heroism and its included values. The text concludes that comic books stories are windows of reality and windows for another reality and that they are much more than a mere entertainment: they are the human being possibility to know more on her or himself, her/his (religious and non-religious) values, anguishes, hopes and quest for a place in the world.

Keywords:

Theology and Literature. Superheroes. Comic Books.

Era uma vez...

*“História” é aquilo que aconteceu uma vez e não acontece nunca mais.
“Estória” é aquilo que não aconteceu nunca porque acontece sempre.
Rubem Alves*

Nós, seres humanos, temos uma maneira peculiar de preservar nossas memórias e nossos valores através das gerações e para estas. Nós contamos histórias e estórias. Mesmo que os gramáticos tenham assassinado esta última palavra, ou insistem em substituir essa por aquela, é o seu uso, como diria Wittgenstein, que define o seu sentido e, poderíamos acrescentar, justifica sua permanência. As histórias sustentam a trajetória da

humanidade ou de determinados grupos sociais desta e tentam ser sempre um retrato fiel do fato ocorrido. Elas se ancoram valorativamente nessa intenção, adotando, inclusive, uma postura hierárquica em relação ao conto, ao chiste, às sagas e às lendas, embora a pergunta sobre *quem* conta a história e quais pressupostos provenientes do olhar de seu relator estão incutidos nela é um tema que tem perdurado nos debates atuais sobre esta área do conhecimento.

Já as estórias não possuem a intenção de fidelidade ao fato ocorrido. Seu propósito é outro. As estórias têm o poder mágico de estabelecer relações entre seus interlocutores, de transformá-

los e de conectá-los aos seus desejos. “A estória não fala *sobre* algo. Não pertence ao mundo do *isso*. Ela fala *com* alguém, estabelece uma rede de relações entre as pessoas que aceitam conspirar, co-inspirar em torno do fascínio do que é dito...”¹ Elas lidam com nosso imaginário, nossos mitos, nossos símbolos, nossos valores, nossos anseios, nossas esperanças. E são justamente as estórias que povoam majoritariamente o universo da literatura, da arte e do cinema e que, ao serem contadas, tornam esse mesmo universo tão fascinante e apetitoso aos olhos de uma gama incontável de leitores/degustadores.

Por que é importante salientar isso? Pois, ao adentrarmos no universo da literatura e no diálogo desta com a teologia, não estamos apenas, ou especialmente, buscando fatos, mas procuramos construir elos entre valores e universos de significação diversificados. O que queremos não é encontrar evidências de acontecimentos históricos, mas verificar valores e crenças que compactuamos, compartilhamos e transmitimos e que, muitas vezes, não estão na superfície, mas no subterrâneo das palavras e no sentido de suas organizações no texto. Nós interagimos e até mesmo somos capazes de incorporar (bem como transformar ou mesmo rejeitar) essa significação presente nas estórias, à medida que entramos em contato com a narrativa, envolvemo-nos com ela e à medida que uma experiência comum acaba nascendo dessa relação.

Ao decidirmos ler um livro, um gibi, um romance ou mesmo assistir a um filme, há uma probabilidade enorme de estabelecermos uma relação com determinada narrativa, pois buscamos-la em virtude do prazer que ela pode nos proporcionar. E, ao fazermos isso, nós nos disponibilizamos igualmente a nos conectarmos não apenas com a narrativa, mas com toda a gama de referenciais que ela traz consigo. Também não se trata apenas do envolvimento com o conteúdo da narrativa e sua redação astuciosa, mas com o papel desempenhado pelos personagens e suas personalidades. Nós reconhecemos os heróis e os vilões e os meandros da personalidade humana e

identificamo-nos, em maior ou menor grau, com as características idealizadas e representadas que se encontram na narrativa, muito embora a tendência hodierna seja a mistura de características e o destaque da ambiguidade humana.

Enfim, o que vale ressaltar aqui é o seguinte: independente do termo considerado (história ou estória), quando nós buscamos conexões entre teologia e literatura (olhar uma sob o prisma da outra), não importando aqui o tipo de obra, a leitura vai além da mera descrição do que se encontra explicitamente representado. Não se trata apenas de ver se a história ou a estória se passa num convento ou se um personagem envolvido na trama é um padre ou monge budista. O religioso ou o teológico numa narrativa não é apenas a representação descritiva no sentido de contextualizar ou criar o cenário no qual o enredo se desenvolve, mas o conjunto de elementos que constituem a experiência literária: o cenário, o enredo, os diálogos, as ações, os símbolos e os valores que se imiscuem nestes e a interatividade entre todos. É, pois, sobre esse prisma que aqui se analisará os personagens e as estórias do gênero da superaventura, expressas nas Histórias em Quadrinhos.

Os super-heróis e o gibi

As Histórias em Quadrinhos (HQ's ou simplesmente “quadrinhos” para os íntimos) ou ainda o gibi, como é carinhosamente chamado no Brasil, em virtude do título da revistinha lançada pela antiga RGE (hoje Editora Globo), em 1974, fazem parte da cultura mundial (sobretudo, ocidental) desde o início do século passado. Embora tenham surgido como um alívio cômico e uma estratégia de marketing,² atualmente, as narrativas abrangem os mais diversos gêneros da comédia ao terror, passando pelo policial, pela aventura, pela ficção e pelo erótico. As produções englobam desde as mais comerciais até as mais cultuadas, as criações autônomas e das grandes indústrias no estilo folhetim até a quadrinização de

¹ ALVES, Rubem. *Variações sobre a vida e a morte ou o feitiço erótico-herético da teologia*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 107

² REBLIN, Iuri Andréas. *Para o alto e avante: uma análise do universo criativo dos super-heróis*. Porto Alegre: Asterisco, 2008. p. 38ss.

obras literárias clássicas (Don Quixote, por exemplo, e, no Brasil, as obras de Machado de Assis, de José de Alencar). Embora as narrativas estejam estruturadas em torno da dinâmica imagem-texto e tendam a sustentar um equilíbrio desta dinâmica, também podem ser encontradas variações criativas. Os quadrinhos podem tanto pender para os antigos livros ilustrados quanto para o uso quase exclusivo de imagens nas chamadas “graphic novels”.

Se, por um lado, a produção artística é tão diversificada e rica, por outro, assim também são as críticas dirigidas ao estilo literário ao longo de sua existência. As HQ’s já foram acusadas de estimular a delinquência juvenil, de serem *kitsch* (ou pseudoarte) de criarem péssimos hábitos, de atrapalharem o desenvolvimento cognitivo, a inculturação, o refinamento da língua e o seu uso, críticas que podem ser potencializadas e desdobradas a partir do polêmico livro *A Sedução do Inocente*, de Frederic Wertham. Em contraponto, há aqueles que defendem que os quadrinhos retratam o cotidiano e a sociedade, podem estimular a leitura e percepções diferentes da realidade. Embora ainda exista o preconceito de acadêmicos e de intelectuais em relação aos quadrinhos, taxados de serem cultura industrializada inútil, sem relevância científica, os gibis têm conquistado cada vez mais espaço, um público cada vez maior de leitores, a inclusão no rol das grandes artes (são considerados a nona arte) e têm despertado cada vez mais o interesse de pesquisadores, sobretudo, cientistas sociais e políticos.³

³ Tal fato também se aplica ao contexto brasileiro. É possível observar o crescimento de literatura especializada sobre o tema e o destaque de pesquisadores que têm se ocupado especialmente com o tema. Confira ANSELMO, Zilda Augusta. *Histórias em quadrinhos*. Petrópolis: Vozes, 1975; LUCHETTI, Marco Aurélio. *A ficção científica nos quadrinhos*. São Paulo: GRD, 1991; MOYA, Álvaro de. (org.). *Shazam!* 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1977; RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007; VIANA, Nildo. *Heróis e super-heróis no mundo dos quadrinhos*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005; REBLIN, 2008; SILVA, Nadilson Manoel da. *Fantasia e cotidiano nas histórias em quadrinhos*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002, dentre outros.

Dentre os diversos gêneros existentes nas HQ’s, um que se sobressai quando abordamos ou discutimos sobre quadrinhos ou sobre a relevância destes para estudos da sociedade, da cultura, dos universos simbólicos e linguísticos ou ainda para o debate e o diálogo entre teologia e literatura é o gênero da superaventura. Mesmo que a saga de heróis e deuses perpassasse diversas literaturas, mitos, contos, estórias e outros tipos de relato ao longo dos séculos, o tema dos super-heróis nasceu particularmente nas HQ’s. E, embora alcancem outras artes atualmente, fazendo um sucesso estrondoso, especialmente no cinema, e movimentando fortunas para a indústria cultural, os super-heróis emergiram em e de condições históricas específicas e do casamento perfeito entre ficção científica e estórias de ação e aventura, num meio de comunicação de custo relativamente baixo (se compararmos ao cinema ou à televisão) como nos lembra Waldomiro Vergueiro,⁴ entrelaçadas por um anseio profundo de uma nova ordem social em meio às incertezas da época.⁵

Os super-heróis são conhecidos no mundo todo. É difícil encontrar um lugar em que uma insígnia, um traje ou uma estória de super-herói não sejam conhecidos ou reconhecidos pelas pessoas (o que revela igualmente o poder de atração e persuasão da cultura do entretenimento estadunidense por todo o globo terrestre). Na verdade, há todo um movimento de fãs ao redor do mundo. Os fãs escrevem cartas aos editores das estórias, participam de convenções sobre o universo da superaventura (A San Diego Comic-Con, que acontece a cada ano no mês de julho, é a maior do gênero), vestem-se como os personagens, encenando sagas e aventuras (os eventos cosplays), consomem uma infinidade de produtos culturais relacionados aos seus personagens preferidos.⁶ O

⁴ Trata-se de um material que está atualmente no prelo, organizado por Nildo Viana e Iuri Andréas Reblin. VIANA, Nildo; REBLIN, Iuri Andréas (orgs.). *Super-heróis, cultura e sociedade: aproximações multidisciplinares sobre o mundo dos quadrinhos*.

⁵ A quebra da bolsa de Nova Iorque; a execução do plano *New Deal*; a disparidade socioeconômica; o período pré-guerra; etc. Cf. REBLIN, 2008, cap. 3

⁶ Knowles entende todo esse movimento de fãs como uma espécie de nova religião. Para o autor, “de fato, super-

que se esconde debaixo desse interesse e desse fascínio que os super-heróis provocam nas pessoas? Afinal, o que ou quem são os super-heróis? Quais são as características do gênero da superaventura, e qual é sua relevância para o estudo da relação teologia e literatura?

Talvez, uma pista na busca por respostas a essas questões pode ser encontrada na narrativa do próprio gênero da superaventura. No segundo filme da trilogia cinematográfica do Homem-Aranha, há um diálogo entre Peter Parker (o Homem-Aranha) e sua tia, May Parker, sobre a vontade que seu vizinho de nove anos de idade tem: ser o Homem-Aranha quando crescer. Surpreso, Peter pergunta: “por quê?”. Sua tia, então, explica o seguinte:

Ele conhece um herói quando ele vê um. Há poucos por aí, voando e salvando pessoas idosas como eu. E Deus sabe, crianças, como Henry, precisam de um herói. Pessoas corajosas, altruístas, servindo de exemplos para todos nós. Todos adoram heróis. Pessoas fazem fila para vê-los. Torcem por eles. Gritam seus nomes. E, anos mais tarde, eles contam como ficaram na chuva por horas só para ver de relance aquele que os ensinou a agüentar um segundo a mais. Eu acredito que existe um herói em todos nós, que nos mantém honestos, nos dá força, nos enobrece e, finalmente, nos permite morrer com orgulho. Mesmo que às vezes tenhamos que

estar preparados e desistir daquilo que mais queremos. Até mesmo de nossos sonhos.⁷

O horizonte heróico se confunde com a história humana. Desde os tempos mais remotos, são majoritariamente os grandes feitos de grandes heróis que são transmitidos de geração em geração. Eles existem e persistem por carregarem em suas características pessoais valores que estimamos (físicas, mentais e morais; como salienta Nildo Viana): coerência, coragem, carisma, determinação, sabedoria, altruísmo e autossacrifício.⁸ Mais ainda, por meio de suas ações, os heróis mantêm acesa a esperança de uma nova ordem social, a possibilidade de mudança da realidade. A luta de Robin Hood, de Zorro, contra a ordem vigente, contra a exploração econômica, a favor dos pobres, dos oprimidos, daqueles sem vez na sociedade e em como esta se encontra estruturada são exemplos de como os heróis tornam-se ícones sobre os quais esperanças são depositadas e inspirações são fundamentadas. Os heróis são admirados, sobretudo, por sua *coragem* para enfrentar os dominantes e os poderosos. São aqueles que permanecem em pé, mesmo quando o mais corajoso dos mortais cai. Mas, heróis não são apenas seres humanos com qualidades excepcionais. Também podem ser Deuses ou, no caso dos super-heróis, seres humanos (ou ainda alienígenas) com qualidades *sobre-humanas*.

Na antiguidade ocidental, Deuses egípcios, cananeus, mesopotâmicos, gregos e romanos detinham poderes sobre céus e mares, fogo e amor,

heróis desempenham para nós hoje o papel uma vez desempenhado pelos deuses em sociedades antigas. Fãs não oram para o Superman ou para o Batman – ou, ao menos, a maioria não admitirá estar fazendo isso. Mas quando você vê fãs vestidos como seus heróis favoritos em convenções de quadrinhos, você está vendo o mesmo tipo de culto que era realizado no mundo pagão antigo, onde celebrantes se vestiam como os objetos de seu culto e encenavam seus dramas em festivais e cerimônias”. KNOWLES, Christopher. *Our Gods wear Spandex: the secret history of comic book heroes*. San Francisco: Weiserbooks, 2007. p. 16. Tradução própria. Se, por um lado, os fãs de super-heróis não oram para eles, podemos supor, por outro lado, uma razão, no mínimo, peculiar: o ideal de querer ser, de transformar-se em, e a busca e a identificação com aquilo que o personagem representa. Ao orar, o personagem se torna “o outro”, ao incorporar, pode acontecer o inverso.

⁷ “He knows a hero when he sees one. Too few characters out there, flying around like that, saving old girls like me. And Lord knows, kids like Henry need a hero. Courageous, self-sacrificing people setting examples for all of us. Everybody loves a hero. People line up for them. Cheer them. Scream their names. And years later, they’ll tell how they stood in the rain for hours just to get a glimpse of the one who taught them to hold on a second longer. I believe there’s a hero in all of us that keeps us honest, give us strength, make us noble and finally allows us to die with pride. Even though sometimes we have to be steady and give up the thing we want the most. Even our dreams”. RAIMI, Sam. *Spider-man 2*. EUA: Columbia Pictures/Marvel Enterprises/Laura Ziskin: Columbia Tristar Home Entertainment, 2004. DVD Vídeo (127 min.). Edição especial com 2 discos, cap. 35. Tradução própria.

⁸ VIANA, 2005, p. 37.

travavam batalhas contra o mal, gerando trovões, relâmpagos e chuva. Para os vikings, quando o Deus Thor agitava seu martelo poderoso nos céus nórdicos, gerava a chuva, salvando, assim, os meros mortais do perigo imediato da seca. Com seu poderoso martelo, ele também combatia as “forças do caos”, o submundo dos Trolls, que, a qualquer momento, poderiam raptar a deusa da fertilidade, impedindo o crescimento de plantas, árvores e até mesmo o nascimento de filhos. A população participava da batalha através de rituais e cerimônias religiosas, sobretudo, por meio do rito do *sacrifício*. Na antiguidade nórdica, o sacrifício ampliava o poder de um determinado Deus, para garantir sua vitória contra as forças do mal.⁹

Atualmente, é comum em nossa sociedade ocidental atribuímos o conceito de “herói” para indivíduos que asseguram a paz, o bem-estar frente aos riscos de vida que civis podem enfrentar. Também vitoriosos de guerra, esportistas e atletas que defendem seu país em competições, bombeiros, policiais e médicos recebem o título de “herói”, decorrente de suas ações. Temos que ressaltar que, em certos casos, é necessário repensarmos o conceito de herói, especialmente, quando há interesses em jogo, descaracterizando o altruísmo típico do herói. De qualquer modo, em linhas gerais, podemos considerar que os heróis são indivíduos detentores de habilidades e/ou qualidades consideradas excepcionais. Transportado para o universo artístico-cultural, os heróis adquirem expressão na literatura em exemplos como Tarzan, Asterix, Robin Hood, Flash Gordon, Fantasma, Mandrake, James Bond. Embora estes personagens sejam próximos aos super-heróis, principalmente o Fantasma (reconhecido como o primeiro herói mascarado, criação de Lee Falk), eles não podem ser considerados como tais, por causa do uso de poderes especiais que os super-heróis possuem.

Os super-heróis se distinguem dos heróis pelo fato de apresentarem características e habilidades

sobre-humanas, i.e., humanamente impossíveis.¹⁰ Em outras palavras, permanecem as qualidades inerentes aos valores estimados atribuídos aos heróis (coragem, determinação, altruísmo, autossacrifício) e são acrescidos os peculiares superpoderes. Nesse sentido, para citarmos um exemplo na perspectiva da religião, poderíamos afirmar que, no cristianismo e no judaísmo, os **super-heróis** surgem, geralmente, como enviados de Deus para a libertação humana; os mais clássicos são os grandes juízes (sobretudo, Sansão, com sua força descomunal) e Jesus Cristo, com seus poderes sobre-humanos como andar sobre águas, transformar água em vinho, o dom de curar e de ressuscitar os mortos, embora a salvação não seja, em Jesus, puramente fenomenológica, mas, sobretudo, escatológica.¹¹ Mesmo que tal comparação seja atípica e historicamente injusta (há quem diga que não devemos olhar para o passado com a pretensão de caracterizá-lo a partir de conceitos próprios do presente) é possível extrair dela um elemento comum: tanto os personagens bíblicos exemplificados quanto os super-heróis carregam em sua relevância, em suas narrativas, em sua constituição argumentativa (gênese e desenvolvimento) valores e motivações religiosas, como veremos adiante. Em todo o caso, não é simplesmente o uso dos superpoderes que define os super-heróis e o universo do gênero da superaventura.

Os super-heróis estão inseridos num universo fantástico calcado num cenário em que realidade e ficção se confundem caprichosamente. Se, por um lado, é um universo que descritivamente intenta ser próximo ao que acontece no cotidiano, na sociedade, ele é, por outro lado, um universo onde é possível encontrar seres de outros planetas, deuses, viagens espaciais, dimensionais, temporais, seitas secretas, magia, mundos onde outros seres superpoderosos arquitetam conspirações e o domínio de galáxias inteiras. Na superaventura, a luta entre o bem e o mal é contínua. O super-herói está em batalha constante para sustentar a ordem e o sistema vigente. Na verdade, mesmo que haja

⁹ GAARDER, Jostein. *O mundo de Sofia*: romance da história da filosofia. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 35ss.

¹⁰ VIANA, 2005, p. 38.

¹¹ REBLIN, 2008, cap. 1.

uma tendência de se humanizar os super-heróis (o Homem-Aranha é o exemplo perfeito disso) e incluir dramas do cotidiano (romance, tragédia) nas narrativas, o que define justamente um super-herói no mundo das HQ's é um opositor excepcional para combater. Além disso, há outras características próprias dos personagens, ao menos, da maioria deles, como uma dupla identidade, ou o uso de um disfarce, seja para agir como super-herói (como *The Flash*, Homem-Aranha, etc.) seja para agir como humano (como é o caso do Super-Homem), e ainda o exercício de uma profissão *freelance* ou liberal (jornalista, advogado, empresário, fotógrafo) para que sua atuação profissional não atrapalhe sua atuação como herói.¹²

Deixando de lado as caracterizações do gênero e de seus personagens típicos, convém lembrarmos que os super-heróis e o gênero da superaventura não são interessantes (pelo menos, não nesse sentido para nós) pelo montante monetário que movem, embora seja justamente esse montante que possibilita e que incentiva a produção e a distribuição comercial de suas aventuras nas mais diversas mídias. Mas, poderíamos sugerir a hipótese de que, mesmo que a indústria dos quadrinhos entrasse em colapso, de uma forma ou de outra, os super-heróis continuariam a existir no imaginário humano e suas aventuras continuariam a ser contadas entre as gerações. Por quê? Pois mesmo que sejam criações do século XX, sua estrutura mítica e arquetípica transcendem o tempo e o espaço do século em que foram geradas ou mesmo do seu país de origem. Tal como afirmou Sharad Devarajan, ao falar do processo de transcrição da mitologia do Homem-Aranha para a cultura indiana: “eu sempre acreditei que um super-herói se relaciona a uma ‘psique universal’ já estabelecida firmemente na Índia [e não só na Índia] através de séculos de histórias mitológicas que descreviam deuses e heróis com habilidades sobrenaturais”.¹³ Ou ainda como asseverou Rubem Alves, “os mitos exigem ser recontados, pois eles são temas que se confundem com o nosso próprio corpo e se

recusam a ser colocados no esquecimento”.¹⁴ E é justamente por causa dessa transgressão espaço-temporal e presença no universo humano de sentido (bem como no processo de constituição deste) fazendo uso da função criativa da imaginação e das estruturas narrativas do mito, que o gênero da superaventura se torna interessante para o debate sobre literatura e teologia comparada.

Super-heróis, religião e teologia

À primeira vista, pode parecer estranho imaginar o que o gênero da superaventura ou seus personagens possam ter de teológico ou religioso, sobretudo quando a pergunta parte do campo teológico. Isso é assim, pois há entre aqueles (sobretudo, teólogos e teólogas) que se aventuram pelo estudo da religiosidade e das suas diversas formas de manifestação uma dificuldade generalizada em compreender o religioso presente na esfera secular, i.e., fora das instituições religiosas (entre cientistas da religião ou pesquisadores de outras áreas, há, nesse sentido, uma visão mais ampla do espectro da religião, embora limitações se deem por outros vieses, como, por exemplo, na consideração da religião simplesmente a partir de sua “funcionalidade” social ou de seu possível “refúgio” psicologizante).¹⁵ Iniciativas partem, curiosamente, por pesquisadores que não pertencem ao gueto teológico. Longe de resolver esse impasse, que traz em sua bagagem a história e todo o desenvolvimento da tensão entre religião e ciência após a revolução desencadeada por Galileu Galilei, a proposta aqui é pensar teologia e religião no universo das histórias em quadrinhos, especialmente, no gênero da superaventura, a partir da teologia, a qual tem o fenômeno religioso como

¹⁴ ALVES, Rubem. *Conversas sobre política*. São Paulo: Verus, 2002. p. 35.

¹⁵ Tratando-se de uma abordagem das estórias dos super-heróis, há contribuições interessantes como XAVIER, Cristina Levine Martins. *Spawn – O Soldado do Inferno: mito e religiosidade nos quadrinhos*. São Caetano do Sul: Difusão, 2004; REYNOLDS, Richard. *Superheroes: a Modern Mythology*. Jackson: University Press of Mississippi, 1992 e GARRETT, Greg. *Holy Superheroes: exploring the sacred in comics, graphic novels and film*. Rev. and expanded ed. Louisville: Westminster John Knox Press, 2008.

¹² VIANA, 2005, p. 49.

¹³ DEVARAJAN apud REBLIN, 2008, p. 77.

seu específico.¹⁶ E, nesta proposta, a pergunta da teologia diante do fenômeno religioso não é se este é ou não um fenômeno religioso – isso seria uma pergunta por demais superficial – mas sim, quais os símbolos religiosos que ali se manifestam.

A religião pode estar presente nos quadrinhos e, especialmente, na narrativa do gênero da superaventura por inúmeros vieses. Um deles certamente está na estória que se intenta contar, i.e., quando os autores incluem intencionalmente elementos de tradições religiosas, citações de textos sagrados, etc. e a maneira como eles aparecem no texto, a forma como participam da trama central. Um exemplo clássico é a minissérie *Kingdom Come* (em português, teve o título de *O Reino do Amanhã*, mas refere-se literalmente a um trecho da oração do Pai-Nosso), publicada pela DC Comics em 1996. Concebida e ilustrada por Alex Ross e narrada por Mark Waid, a minissérie apresentava uma visão de um futuro em que uma nova geração de super-heróis defendia o mundo contra aqueles que tentavam dominá-lo. Essa nova geração de super-heróis era desprovida dos antigos valores morais regentes da sociedade e de uma responsabilidade calcada na proteção de inocentes e na defesa da vida. As características intrínsecas do heroísmo se esmaeceram diante dos princípios maniqueístas

bélicos da luta entre o bem e o mal. Em outras palavras, o objetivo principal era combater o mal, não importando onde essa batalha se desenvolvia nem as vidas que estariam sujeitas ao perigo que ela poderia provocar naquele palco. Esse panorama se insere numa narrativa que culmina num evento cataclísmico decisivo e é testemunhado em detalhes por um pastor que perdera o sentido das palavras que pronunciava em seus sermões. Esse pastor é escolhido pelo Espectro – personagem que cumpre parcialmente as funções do anjo do Senhor, intervindo na história humana para punir os culpados – para julgar o mal em seu momento derradeiro. A história – permeada por citações bíblicas extraídas do livro de Apocalipse – termina com o retorno dos antigos valores por meio do autossacrifício do Capitão Marvel a favor da vida humana. *Kingdom Come* expressa a esperança coletiva por justiça e uma nova ordem social imediata.

Muitas estórias dos super-heróis possuem elementos explicitamente religiosos. A presença desses elementos pode estar atrelada a inúmeras razões. Num sentido profundo, pode ser marca da tradição protestante puritana que acompanhou os colonizadores da América do Norte e se enraizou no solo ianque. Como a religião predominante nos Estados Unidos é o cristianismo protestante, não é difícil atestar que boa parte da influência na construção dos super-heróis e de suas narrativas é proveniente da tradição judaico-cristã e de suas interfaces, variações e hibridações, aquilo que, em síntese, existe em grande medida na sociedade ocidental (o que inclui também o espiritismo, o ocultismo, o transcendentalismo, as sociedades secretas, etc.). Numa outra perspectiva, complementar, narrativas de cunho religioso sempre envolvem elementos misteriosos, desconhecidos, mitológicos, fantásticos, sobrenaturais, e tornam-se, justamente por esse “ar de mistério”, interessantes de serem narradas e fáceis de serem “cientificamente” justificadas. Assim, há várias estórias que carregam um senso de moralidade e ética e a existência de aspectos atinentes à religião estadunidense, não só à “religião

¹⁶ Tal observação é importante, pois a teologia tem a religião ou o fenômeno religioso como foco de abordagem desde sua constituição enquanto área de saber. No entanto, durante muito tempo, ela se concentrou em resolver os problemas da religião institucionalizada (ou melhor, das instituições religiosas) e pouco atentou para aquilo que transcende as paredes das *ekklelesias*. Noutra direção, quando vinculada às estruturas de poder (governos) serviu de argumentação para dizimar povos e culturas que deveriam, aos olhos do Estado, serem subordinados (basta resgatarmos as histórias das cruzadas, as inquisições, as caças às bruxas, a exploração da África, a colonização das Américas, ou ainda as disputas hodiernas no Oriente Médio, envolvendo xiitas e sunitas, palestinos e israelenses). Atualmente, é possível asseverar que a teologia está se recompondo, i. e., ela está buscando e conquistando novamente seu espaço e seu respaldo nas discussões acadêmicas, e enquanto área de saber. Sua base estrutural é interdisciplinar e é natural ela dialogar com outras ciências-irmãs (em sua área nas humanas ou nas sociais aplicadas). Sua riqueza e sua contribuição estão justamente nisso: olhar para o todo a partir do foco das demais ciências, respeitando-as em suas diferenças, e integrá-las (ou interligá-las) a partir de seu específico, com espírito crítico.

tradicional”, mas também à religião civil – Robert N. Bellah¹⁷ – que ali se desenvolveu peculiarmente.

Um outro viés está no enredo que constitui o personagem em si, tanto na estrutura de sua estória de origem quanto em sua caracterização enquanto super-herói. Enquanto personagens, a relação entre religião e os super-heróis está na caracterização dos próprios super-heróis como personagens salvadores. Nas palavras de Christopher Knowles, “todos os super-heróis são essencialmente personagens salvadores. Diferente dos salvadores religiosos, entretanto, os super-heróis oferecem salvação como um evento tangível e desambíguo”,¹⁸ i. e., a salvação é algo físico, imediato, concreto, momentâneo. Tal caracterização, embora distinta da soteriologia religiosa, baseia-se na apropriação dos mitos e das histórias relativos às religiões. Afinal, “nós apenas clamamos por nossos Deuses quando precisamos deles”.¹⁹ Para Knowles, foi justamente a busca por um salvador em tempos de incerteza que provocou o surgimento dos super-heróis nos tempos da grande crise estadunidense e que reacendeu (depois de um período de estagnação comercial) o interesse pela mitologia após o atentado terrorista contra os Estados Unidos em 2001.²⁰ Enfim, como salientei em outro texto,

A pergunta pelos super-heróis não deixa de ser, em seu íntimo, uma pergunta religiosa. A busca pela resposta a esta pergunta não deixa de ser, em seu íntimo, uma busca ou uma resposta religiosa, mesmo que tal não tenha sua origem numa religião institucionalizada, mas nos anseios religiosos cotidianos que se exprimem pelos meandros da cultura, e mesmo que tal resposta, ainda assim, seja sufocada pela dinâmica capitalista da Indústria Cultural.²¹

Enquanto enredo originário da mitologia dos super-heróis, o religioso e o teológico podem aparecer ou se imiscuir nos meandros da narrativa. Nesse sentido, o *Superman* é um exemplo clássico (e longe de ser o único). Considerado o primogênito, o precursor e o parâmetro de toda a safra de super-heróis existentes atualmente, Superman foi criado em 1934 por dois adolescentes, Jerry Siegel e Joe Shuster, descendentes de judeus, num período de incertezas e de grande reestruturação econômica, chegando nos quadrinhos em 1938, no primeiro número da *Action Comics*. Toda a origem do personagem é inspirada em elementos e estruturas atinentes à crença judaico-cristã da vinda do Messias. Superman é um enviado de outro mundo, com poderes sobre-humanos, para lutar pelos ideais morais e religiosos que são caros pelo povo. O sentido do heroísmo (especialmente, o altruísmo, o sacrifício, o esvaziar-se de si mesmo, os quais são ideais presentes em muitas religiões) atrelado à concepção estadunidense do Destino Manifesto, tornando o herói não apenas salvador de um povo, mas de toda a humanidade, intensifica isso.²² O próprio nome de batismo do Superman, Kal-El significa do hebraico: “Tudo isso é Deus”.²³ Vale lembrarmos ainda que há entre os pesquisadores a tendência de associar a história do *Superman* com a de Moisés.

Por fim, o religioso ou o teológico (ou o simbólico e o discurso sobre o sentido último da existência) pode estar presente nos elementos que perfazem a narrativa e a estética. O traçado do desenho, o formato do corpo, o anseio de transcendência, podem revelar o religioso numa análise semiótica. A narrativa, os elementos mitológicos e religiosos presente nas narrativas, sobretudo, aqueles ligados ao sentido do heroísmo, como o sacrifício, o altruísmo, os valores, as angústias, as esperanças, os medos, a busca por um sentido, a formulação de questões existenciais à vida humana podem discursivamente, na montagem do texto, na sequência da ação, indicar não só anseios religiosos de uma coletividade,

¹⁷ BELLAH, Robert N. *The Broken Covenant: American civil religion in time of trial*. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

¹⁸ KNOWLES, 2007, p. 111. Tradução própria.

¹⁹ KNOWLES, 2007, p. 4. Tradução própria.

²⁰ KNOWLES, 2007, p. 3-19.

²¹ Texto integrante da coletânea compilada em conjunto com o prof. Nildo Viana, atualmente, no prelo, sob o título *Super-heróis, cultura e sociedade. Aproximações multidisciplinares sobre o mundo dos quadrinhos*. O artigo tem por

título “Os super-heróis e a jornada humana: uma incursão pela cultura e pela religião”.

²² REBLIN, 2008, p. 100ss.

²³ GARRETT, 2008, p. 17-27.

como expor as crenças e os anseios individuais de seus autores. Um exemplo disso é o lançamento de inúmeros gibis de super-heróis sobre o tema do atentado de 2001 e o acompanhamento destes personagens do sofrimento das inúmeras vítimas do incidente, uma projeção clara de como lidar com a catástrofe e minimizar a dor da tragédia. O mesmo é evidenciado na adaptação cinematográfica dos super-heróis, cujo exemplo atual mais expressivo é o filme *Superman - o Retorno*.²⁴ As alusões são diretas. Na primeira conversa com Lois Lane, o super-herói afirma: “você escreveu que as pessoas não precisam de um salvador, mas toda a noite eu ouço pessoas orando por um”. No final do filme, há uma sequência de imagens carregada de sentido: o voo para recuperar a força no contato com o sol, a abertura das nuvens e o mergulho do super-herói com o fecho de luz, a posição de crucifixo após lançar a “ilha” de kryptonita ao espaço, a “morte” e a ressurreição.

Considerações Finais

Enfim, há inúmeras possibilidades de se perceber e de se vislumbrar o fenômeno religioso no universo dos super-heróis. As HQ's, assim como o cinema, são simultaneamente janelas da realidade e para uma outra realidade e como tais não apenas trazem os elementos pertencentes à vida humana, mas a forma com que o ser humano se relaciona com eles e a eles atribui um significado, um sentido. Religião, cultura e qualquer outro elemento constituinte do mundo humano e de seu universo de significados podem ser encontrados nas histórias em quadrinhos. Os quadrinhos se nutrem da linguagem, dos símbolos e dos valores para compartilhar as histórias que intentam contar. A intensidade da presença de símbolos religiosos ou teologia nas histórias pode oscilar de acordo com o tipo de narrativa e o propósito dos autores, i. e., pode ser mais objetiva, mas, por outro, pode ser mais subjetiva, i. e., pode estar condicionada aos anseios e às angústias dos autores ou criadores do personagem. Mais ainda, se, por um lado, a

constituição do personagem pode indicar anseios e angústias individuais, por outro lado, suas narrativas sempre envolvem esperanças *coletivas* por justiça, por uma nova ordem social.

As HQ's são espaços riquíssimos para se estudar e se compreender a vida humana e a sociedade que lá estão representadas. Em muitas circunstâncias, tratar-se-ão dos valores axiológicos da classe dominante, como apontou Nildo Viana.²⁵ No entanto, ao mesmo tempo em que a classe burguesa pode se ver nitidamente exposta, os valores reprimidos e a busca por liberdade podem igualmente se manifestar.²⁶ Enfim, as HQ's não são apenas janelas da realidade como são igualmente janelas para uma outra realidade e como tais são um espaço para o ser humano sair de si mesmo e, com os óculos adequados, conhecer um pouco mais sobre si mesmo.

[Recebido em: abril 2010 e
aceito em: setembro 2010]

²⁴ SINGER, Bryan. *Superman o retorno*. EUA: Warner Bros. Pictures/Legendary Pictures/Jon Peters: Warner Home Video, 2006. DVD Vídeo (154 min.). Edição especial com 2 discos.

²⁵ VIANA, 2005.

²⁶ VIANA, 2005.